



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO/ CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

**SILVANA BENICIO MAXIMINO LOURENÇO**

**O RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR**

**GUARABIRA – PB**

**2011**

**SILVANA BENÍCIO MAXIMINO LOURENÇO**

**O RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a Orientação da Professora Ms. Ivonildes da Silva Fonseca.

**GUARABIRA – PB**

**2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

L892r Lourenço, Silvana Benício Maximino

O racismo no ambiente escolar / Silvana Benício  
Maximino Lourenço. – Guarabira: UEPB, 2011.

39f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC)  
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Ivonildes da Silva Fonseca”.

**SILVANA BENÍCIO MAXIMINO LOURENÇO**

**O RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Aprovada em 16 de junho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

*Ivonildes da Silva Fonseca*

---

Profª Ms. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
(Orientadora)

*Waldecir Ferreira Chagas*

---

Prof. Dr.º Waldecir Ferreira Chagas  
Universidade Estadual da Paraíba  
(Examinador)

*Francisco José Dias da Silva*

---

Prof. Esp. Francisco José Dias da Silva  
Universidade estadual da Paraíba  
(Examinador)

**GUARABIRA – PB**

**2011**

Dedico este trabalho aos meus pais, esposo e irmãos: Antônio José Maximino (*in Memoriam*), Luiza Benício Maximino, Thiago de Oliveira Lourenço, Rosimery Benício Maximino, José Eduardo Benício Maximino, M<sup>a</sup> Betânia Benício Maximino, Rozélia Benício Maximino e M<sup>a</sup> José Benício Maximino.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai amado e condutor dos meus passos, que me deu forças para obter êxito e superar todas as barreiras. Mestre que me abençoou com o dom da sabedoria para saber lidar com as dificuldades que se fizeram presentes em todos os momentos difíceis;

A toda a minha família pela força, compreensão e apoio durante todo esse período em que estive estudando;

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, nos momentos bons como difíceis;

A todos os meus professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Em especial a Maria Floriano que sempre agiu como uma verdadeira educadora em minha vida;

A minha orientadora a Professora Ms. Ivonildes da Silva Fonseca, pela dedicação e paciência, pois sem a ajuda dela eu não teria construído esse trabalho;

Aos membros da Banca Examinadora, por terem aceitado o convite de participar da avaliação deste trabalho monográfico;

A todos os funcionários da UEPB, que tiveram compromisso com a nossa formação;

Enfim a todos que contribuíram direta e indiretamente na realização deste trabalho.

Meu muito obrigada!

“Se a educação não transforma sozinha a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa ação é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho objetiva discutir o racismo no ambiente escolar, tomando como universo de pesquisa uma Escola de Ensino Fundamental de um município paraibano. O interesse pelo tema ocorreu devido à manifestação de ações racistas que atentam contra a autoestima dos educandos e comprometem o desempenho positivo dos mesmos. É a escola, espaço por excelência, que existe a mediação entre os indivíduos e a sociedade na qual permite-lhes que se eduquem. Tendo conhecimento que o povo brasileiro é caracterizado por uma pluralidade étnica devido ao seu processo histórico o qual levou a construção de um país miscigenado e que fez com que houvesse as diferenças entre os povos e que ocorresse uma formação hierárquica de classes, onde muitos permanecem em situações de desigualdade, situando-se na marginalidade da exclusão social. No entanto para amenizar a discriminação presente no interior das escolas e fora delas, é preciso que todos contribuam mesmo sendo um fator crítico e ao mesmo tempo rejeitado pela maioria daqueles que compõem a população não negra do país. Diante disso investigamos como se dá a intervenção da escola representada pelo corpo docente e pela direção.

Palavra-Chaves: Educação Étnicorracial. Racismo Escolar. Educação das relações inter-étnicas.



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Como você vê os negros africanos? .....	29
QUADRO 02 – Como você se sente sendo negro ou descendente de negros? .....	29
QUADRO 03 – Na sua opinião você já sofreu algum tipo de agressão verbal, ou seja, apelidos por parte dos colegas? .....	30
QUADRO 04 – Sua professora presenciou essas agressões? Qual foi a atitude dela mediante a isso? .....	31
QUADRO 05- Como você se sentiu, após esse tipo de agressão? .....	32
QUADRO 06 – Você quer que seus filhos passem por isso que você passou hoje na escola?.....	32
QUADRO 07 – Na sua escola “ A professora” trabalha conteúdos que envolva a história e cultura afrobrasileira e africana?.....	33

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Currículo Escolar....</b>	<b>13</b>
1.1 A Obrigatoriedade da Lei 10.639/3 e o desafio da sua implementação como política para a população negra.....	16
<b>CAPITULO II - O papel do ( a ) professor ( a ) na sociedade contemporânea .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPITULO III – Discriminação e preconceito racial no ambiente escolar .....</b>	<b>24</b>
3.1 A escola como campo de pesquisa.....	24
3.2 – A situação das crianças negras no ambiente escolar.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE MODELOS DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de leituras e duas conversas que me tocaram bastante. A primeira foi uma conversa informal com uma criança negra que reside na Zona rural do Brejo paraibano. Na conversa a criança me relatava que não gostava de ser negra, pois os seus coleguinhas à apelidavam de “negrinha” e de negra preta”. Ela ainda me disse que só os loiros é que eram bonitos e se pudesse pintaria tanto o seu corpo como também o seu cabelo com cal para ficar branco. A segunda conversa foi com uma amiga que reside e trabalha na cidade de Guarabira, a mesma me disse que o racismo se fazia presente em sua escola tanto por parte de alguns alunos os quais xingavam as crianças negras de “urubu” “café”... como por parte dos próprios professores.

Assim surgiu em mim a inquietação, despertou a curiosidade de investigar e descobrir se o racismo se faz presente no ambiente escolar. Inquieta e com curiosidade de pesquisadora, escolhi a escola que nomeei; “Tia Dandara”, localizada em uma cidade do Brejo paraibano.

Salientamos que este trabalho objetiva analisar e discutir questões referentes ao racismo, à discriminação racial e ao preconceito na escola já que a mesma é um importante espaço de socialização e de construção de identidade. Sobretudo na perspectiva da diversidade étnicorracial.

Nessa escola estavam matriculados 404 alunos, de ambos os sexos de faixa etária a partir dos 04 anos de idade nos horários, manhã e tarde.

Lançar olhares sobre o problema do racismo e compreender como ele foi forjado na sociedade, não é tarefa fácil. Assim buscamos examinar se este fenômeno esta sendo reproduzido ou não pela escola, para podermos compreender o seu verdadeiro papel diante de situações de preconceito e discriminação racial.

Dessa maneira focamos o corpo docente para entender como atuam frente a questão do racismo em sala de aula, se eles (as) ratificam, disseminam ou combatem.

É verdadeiro que os fatores do racismo atentam contra a autoestima dos educandos e comprometem o desempenho positivo dos mesmos.

Vale ressaltar que está monografia foi realizada através de pesquisas bibliográficas e de campo, fazendo uso da técnica de observação e entrevista com a diretora, professores e alunos da escola. Fomos em busca de informações, assim como da origem de pensamentos racistas que perduram ate hoje.

Para pudermos entender melhor a discussão sistemática dividimos este trabalho em três capítulos. A partir da bibliografia específica, no primeiro capítulo analisamos documentos legais os quais incluem a temática história e cultura afrobrasileira e africana. A partir de então examinamos algumas políticas públicas de inclusão dessa temática no currículo escolar, visando promover uma educação igualitária e de qualidade para combater o racismo. Ou seja, uma educação a favor da diversidade revitalizando a auto-imagem da população negra. Com a aprovação da Lei 10.639/03, torna-se obrigatório o ensino de História da África e dos africanos como também da cultura afrobrasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio, para amenizar a discriminação presente no interior das escolas e fora delas, embora seja um fator crítico e ao mesmo tempo rejeitado pela maioria daqueles que compõem a população não negra do país.

No segundo capítulo enfatizamos o papel do professor frente às questões étnicorraciais, já que é papel do mesmo combater o racismo e a discriminação étnicorracial, bem como social, cultural ou econômica na escola e fora dela.

Porém é mostrado neste que infelizmente essas atuações do professor ainda não estão sendo desenvolvidas pelo mesmo já que é percebido através de uma pesquisa que muitos estão silenciando em meio à atitudes racistas.

No terceiro capítulo discutimos a discriminação e o preconceito no ambiente escolar a partir do cotidiano da escola “Tia Dandara”, e atentei à recepção dos (as) alunos, diretora e professores (as) as ações desenvolvidas por mim, buscando uma discussão em torno da cultura afrobrasileira e Africana para assim contribuir na formação de uma identidade racial no espaço escolar, pois o racismo não deve apenas ser reconhecido no ambiente escolar o mesmo precisa ser combatido nesse ambiente, para que o respeito ao outro e o respeito mútuo seja promovido possibilitando assim o reconhecimento das diferenças, bem como de se falar das diferenças sem medo ou preconceito, já que é na escola que existe a mediação entre os indivíduos e a sociedade, bem como tentar entender como os alunos negros os quais foram sujeitos de pesquisa interpretam a imagem dos africanos. Vale ressaltar que todas as crianças negras entrevistadas residem na zona rural e referindo-se a suas questões econômicas, ambas vivem em extrema pobreza material.

Contudo esperamos que as abordagens e análises deste trabalho contribuam para a diminuição do racismo entre não negros e negros no ambiente escolar. Bem como atente para despertar aqueles professores que ainda se fazem omissos diante de situações racistas em suas salas de aulas.

## **CAPÍTULO I- História e Cultura Afrobrasileira e Africana no Currículo Escolar**

Neste capítulo abordamos a inclusão da temática história, cultura afrobrasileira e africana no currículo escolar, a partir da criação da Lei Federal 10.639/003 que obriga as escolas de Ensino Fundamental e Médio a adaptarem essa temática em seus currículos.

A inserção dos conteúdos de história e cultura afrobrasileira e africana no currículo escolar, mesmo sendo uma obrigação, deve ser vista pelos (as) professores (as) como um novo caminho para que eles reconstruam a sociedade brasileira. Afinal durante muitos anos ao longo da história do Brasil, estabeleceu-se um modelo de desenvolvimento excludente.

A implantação desses conteúdos, mesmo sendo uma Lei obrigatória, não está sendo devidamente respeitada, pois o fato é que o livro didático mostra esses conteúdos, de maneira implícita e muitos professores continuam trabalhando esses conteúdos de maneira inadequada. Outros não dão importância aos mesmos e prendem-se aos livros didáticos antigos, que trazem a imagem da África retratada nos escravos, os quais eram e até hoje são vistos como seres incapazes e de estereótipos animais, que serviam apenas para o trabalho pesado nas lavouras e sem nenhuma capacidade cognitiva.

Para que as pessoas negras pudessem usufruir de uma educação escolar hoje, foi preciso várias lutas dos movimentos negros, durante todo o processo de desenvolvimento no tempo do Brasil Colônia, Império e República, pois nesses períodos não era permitido que os escravos tivessem acesso livre as escolas e consequentemente à educação.

Contudo só após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil tentou consolidar um estado democrático, no qual o direito a cidadania e a dignidade da pessoa humana passou a ser valorizada e respeitada, embora o preconceito, o racismo e a discriminação para com os afrodescendentes ainda se façam presentes dificultando assim o acesso e a permanência deles nas escolas.

Para melhor entendimento faz-se necessário discutirmos os conceitos de preconceito, racismo e discriminação racial, visto que estão interligados a discussão sobre educação. Para discutir esses conceitos nos baseamos em Munanga que define o preconceito:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido a qualquer custo, sem levar em conta fatos que o contestam. Trata-se do conceito ou opinião formado antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. ( MUNANGA, 2006. P.181 - 182).

Ou seja, preconceito nada mais é do que um julgamento, um conceito negativo formado pelos sujeitos de um determinado grupo referente e aplicado a outro grupo, mesmo antes de conhecê-lo.

Vejamos agora o que ele nos diz sobre racismo.

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olhos. Etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.... (MUNANGA, 2006, p.179).

Diante do que Munanga nos apresenta, entendemos que o racismo é resultado de rejeição entre seres humanos, a partir de características físicas e culturais. A rejeição que ao serem transmitidas de maneira tão brutal nos leva à perceber o ódio nas pessoas que o pratica. Tentando fazer com que a pessoa agredida sinta-se inferior a elas.

Dando continuidade ao nosso trabalho, vejamos o que MUNANGA (2006, p.184) nos apresenta como sendo discriminação racial. “A palavra “discriminar” “significa distinguir, diferenciar, discernir. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito”. Quando Munanga diz que pode ser a “prática do racismo” entendemos que ele refere-se a maneira de como a discriminação acontece, pois podemos discriminar uma pessoa com ironia ou deboche e agindo dessa maneira estaremos praticando o racismo. Quando ele afirma que “é a efetivação do preconceito”, entendemos que podemos discriminar, ou seja, dar opiniões sobre as pessoas ou seus grupos étnicorracial sem antes conhecê-los.

Diante de ações históricas que excluíram a população do acesso à escola,<sup>1</sup> surgiram os movimentos negros de luta, principalmente nos anos de 1970, objetivando os direitos sociais para as populações negras. Ou seja, tais movimentos começaram a reivindicar dos políticos públicas, para a população negra, através de ações afirmativas a qual abriria um leque de novas oportunidades de inclusão para a população negra em vários setores sociais.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, vem pautando de discussões sobre as questões relativas à diversidade cultural e pluralidade étnica do Brasil, visando a diversidade da população brasileira. Os artigos 26 e 36, dessa Lei deixam bem claro que o

---

<sup>1</sup> O decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores.

O decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares.

Ensino Fundamental e Médio deve ter uma base nacional comum. Já o ensino de história do Brasil deve levar em consideração as contribuições das diferentes culturas e etnias as quais formaram o povo brasileiro, especificamente de matrizes africanas, indígenas e européias.

Baseada na LDB, surgiram os (PCN's) Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o qual propõe que as escolas trabalhem com temas que confrontem a sociedade atual, dentre eles a pluralidade cultural. É necessário considerar, respeitar e conhecer a cultura dos diferentes grupos étnicos.

Os PCN's colocam como tema transversal o estudo da pluralidade cultural, defendendo que:

A temática da pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnico culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e a crítica as relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL. MEC, 2001. p. 19).

No entanto, os PCN's, surgiram para reforçar a LDB, com o objetivo de conhecer e valorizar a pluralidade sociocultural, existente ampliando assim uma reflexão crítica das pessoas para que repudiem qualquer tipo de exclusão e discriminação, seja ela de raça, gênero, etc..., oferecendo aos alunos novas possibilidades de compreender o Brasil como um país diversificado que é.

Os PCN's, também destacam à importância da formação dos (as) professoras (as) sobre o tema em questão, como uma possibilidade para a formação crítica dos sujeitos. Em relação a essa necessidade vemos o que esse documento nos apresenta:

A necessidade imperiosa da formação de professores no tema pluralidade cultural. Provocar essa demanda específica na formação docente é exercício de cidadania. É investimento importante e precisa ser um compromisso político pedagógico de qualquer planejamento educacional/ escolar para formação e/ou desenvolvimento profissional dos professores. (BRASIL. MEC, 1997. p. 123).

Entretanto, os PCN's, mostram uma verdadeira necessidade na formação de professores (as) no tema pluralidade cultural.

Contudo, falar esse tema não é algo difícil, basta que os professores sejam conscientes e abracem essa causa, buscando a cada dia dirimir situações racistas dentro das escolas, pois são nelas que são desencadeados muitos transtornos emocionais e até mesmo psicológicos nas crianças que são agredidas verbalmente através de apelidos e xingamentos.

Para tanto a sociedade brasileira precisa reconhecer-se racista, uma vez que o preconceito, não se faz presente apenas no discurso. É preciso uma mudança de mentalidade, as leis as quais nos referimos representam um grande avanço, pois possibilitam a construção da identidade étnicorracial e reconhece o papel das pessoas negras enquanto sujeito histórico.

### 1.1- A obrigatoriedade da lei 10.639/003 e o desafio da sua implementação como política pública

Para que a história e cultura afrobrasileira fosse incluída no currículo escolar foram necessárias lutas históricas pois essa problemática é antiga. Como pudemos ver a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais, já solicitavam a inclusão da discussão sobre a diversidade étnica brasileira e direcionava para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana no currículo escolar.

Salientamos que não é isso que estamos presenciando em nossas escolas, pois em muitas ainda se faz presente uma história e cultura afrobrasileira e africana, bem como a pluralidade cultural proposta pelos PCN's de forma estereotipada e negativa pelas escolas, voltadas muitas vezes para as datas comemorativas, principalmente nas séries iniciais da educação.

Diante da pesquisa realizada, pudemos perceber através de entrevistas com os profissionais da educação que esses temas são trabalhados muitas vezes de forma exótica, e fora da proposta curricular da escola, o que a torna sujeita a críticas. Além do mais, esses conhecimentos são transmitidos para as crianças não negras e negras, como algo sem significado, o que gera a impossibilidade de as mesmas fazerem uma ligação entre suas vidas e os conteúdos trabalhados. A história e cultura afrobrasileira e africana sendo trabalhadas apenas através de datas comemorativas, demonstra que o não negro é o sujeito principal da história e formador dela.

Trabalhar a África e a cultura africana, sempre relacionada ao exótico ou ao negativo, induz a criança negra não se sentir ou não aceitar que ela tem uma ligação com o passado, consequentemente ninguém que se sente pertencente a um passado tão negativo. Por isso surge a necessidade de se trabalhar de maneira positiva esse conteúdo para que as crianças negras se orgulhem e sintam-se pertencentes a essa cultura.

Sabendo que a escola é o espaço reprodutor das diferenças, de forma positiva ou negativa na vida dos alunos, é necessário que haja uma formação dos professores para que



essa lei seja realmente implementada nas escolas, para que se desenvolva um trabalho positivo e bem sucedido, na vida dos alunos. É preciso também que os atores fundamentais nesse processo, me refiro aos professores tenham acesso a um material didático adequado, e busquem ousadia para inventar, sendo criativos e curiosos no sentido de utilizar o que existe e reivindicar o que esta faltando, bem como contribuir para as novas experiências de vida dos alunos. Agora para que tudo isso seja posto em prática é necessário que o professor primeiro se liberte do seu medo e de seus preconceitos, e possa trabalhar adequadamente esses conteúdos estimulando à autoestima de seus educandos.

O que nos toca é que a escola da cidade no Brejo Paraibano na qual foi feita a pesquisa, ainda não tem nenhuma ação por parte da Secretaria de Educação visando implantar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, bem como programas de formação para os professores e projetos para combater esse tipo de discriminação. E mais triste ainda foi perceber que existe por parte dos (as) professores (as), o desconhecimento da Lei 10.639/003, falta de acesso ao material didático dequado e a omissão por parte de alguns professores (as) da existência do racismo e da discriminação étnicorracial na escola. Considerando que não existe o racismo na escola, a direção e os professores, acham desnecessário a inserção desses conteúdos de história e cultura afrobrasileira e africana no currículo escolar da mesma. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnicorraciais:

A obrigatoriedade de inclusão de história e cultura afrobrasileira e africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com essa medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A Relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afrobrasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. ( BRASIL. MEC,2004. p. 17).

Sabendo que os Africanos tiveram grandes contribuições, na nossa cultura, na dança, na religião, no modo de ser, bem como no desenvolvimento do Brasil, por que será que o mesmo é visto diferentemente dos outros povos? Por que será que o diferente é visto como desigual? Será que negros e não negros não são iguais? O que será que leva a nossa sociedade pensar dessa maneira e não trabalhar esses conteúdos de maneira adequada nas escolas?

Para tanto não podemos esquecer que a lei existe e que representa um enorme avanço na promoção da igualdade étnicorracial. Porém ainda existe muito chão para caminhar e fazer com que os diplomas legais não se tornem algo morto e possibilitem uma educação plurirracial fundamentada no respeito às diferenças.

Contudo, discutimos ao longo desse capítulo inúmeras questões as quais viabilizaram aos negros, possibilidades de combater o racismo e a promoção de uma igualdade racial. Para tanto as leis e os documentos legais que tentam amenizar o preconceito e a discriminação racial surgiram ao longo de toda história contemporânea do Brasil, objetivando diminuir a discriminação existente entre as populações negras e não negras.

## **CAPITULO II - O Papel do (a) professor (a) na sociedade contemporânea**

Não é fácil falar sobre o papel do professor nos dias de hoje, já que vivemos em uma sociedade na qual muitas pessoas olham para esses profissionais sem compreender qual é realmente a sua função. Salientamos que a função do professor é de educar para a cidadania, desenvolvendo em seus alunos a capacidade de agir e pensar criticamente sobre a sociedade “realidade” que está lhes sendo oferecida. Sociedade essa que muitas vezes trata as pessoas de maneira desigual, desencadeando assim uma realidade mesquinha e preconceituosa a qual não respeita a diversidade étnicorracial formadora da mesma.

Muitos professores estão esquecendo ou até mesmo não sabem qual é a responsabilidade ética no trabalho docente e isso reflete não somente em sua ação como marca profundamente a vida de seus educandos.

A ética de um profissional, principalmente de um professor deve fazer parte de sua vida, de seu dia a dia para que o mesmo não se omita frente as manifestações discriminatórias, de raça, de gênero, de classe, dentre outras que estão se fazendo presentes nos ambientes escolares.

Segundo FREIRE, ( 1996, p.23) “ não há docência sem discência”, em outras palavras não existe professores sem alunos, ambos caminham juntos, em um processo de construção de conhecimentos que como sabemos não é um caminho cheio de flores, mais sim com muitos obstáculos a serem superados.

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. ( FREIRE, 1996, p.54).

É muito importante que o individuo ao sentir o chamado ou até mesmo decidir ser um professor, ele pare um pouco e reflita à questão analisando a mesma para ver se realmente é aquilo mesmo que ele que para sua vida. Definitivamente deve estar convencido de que ensinar não é apenas reproduzir conhecimentos, mais sim dar condições e criar possibilidades para que os alunos possam produzir e construir seus novos conhecimentos, conhecimentos esses que farão parte de todos os seus dias.

FREIRE, (1996.p.23) , ainda nos afirma que: " Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém..." Que beleza isso que ele nos diz, pois fica bem claro em sua fala que o professor não é o dono do saber, e

que o aluno por menor que ele seja, não é um poço vazio, pois traz consigo uma variedade de conhecimentos, os quais ele vivencia e aprende tanto na sua casa com seus familiares como também na comunidade onde vive. Ao ensinar algo a seus alunos ele também está aprendendo com os mesmos por isso é importante, que o professor abra sempre espaços em suas aulas para que os alunos também expressem seus conhecimentos. FREIRE, ( 1996. p.23) ainda ressalta que para o professor existir, é necessário que o aluno exista, e vice-versa.

O ato de ensinar exige do educador uma atuação ética para que o mesmo possa analisar e refletir sua prática fazendo uma auto avaliação de si mesmo para em seguida dar subsídios para que os seus educandos possam também construir e reconstruir seus saberes desenvolvendo também uma reflexão crítica capazes de se valorizar e respeitar o próximo, seja ele de raça, gênero, cultura ou até mesmo religião diferente pois todos nós somos iguais perante a lei e o principal formador dessa conscientização é o professor.

Sobre isso a Constituição da República Federativa Brasileira, no Título II dos Direitos e Garantias Fundamentais, no Capítulo I dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, Art. 5º, nos afirma que:

Todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, gerando aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, (...).

Não é papel do professor se omitir diante da discriminação, e da marginalização que está presente hoje em nossa sociedade e com bastante força. O professor deve cultivar em seus alunos laços de harmonia, respeito, confiança, amizade, dignidade, para assim juntos professores e alunos transformarem essa realidade instituída de uma maneira degradada e desumana, a qual nos retrata cada vez mais a violência, seja ela, racial, simbólica ou verbal.

Ressalto que o preconceito de qualquer natureza, classe social, religião, gênero e o étnicorracial afeta a vida das pessoas, não somente seu destino externo, como também a consciência. Muitos indivíduos passam a se ver refletido na figura preconceituosa. Muitos negros são induzidos a acreditar que sua condição de vida é inferior a dos demais, devido as suas características externas. A idealização do mundo branco e a inferioridade do negro, ou melhor, sua desvalorização esta sendo mostrada com grande intensidade pela mídia. Porém é necessário que a escola junto com seus professores, estudantes e demais funcionários trabalhem de uma maneira qualitativa, visando uma sociedade igualitária para acabar com esses tipos de preconceitos, para que o alunado não venha a ser prejudicado, além de que a sociedade deve avançar no controle social sobre a mídia para que a mesma contextualize a

sua programação.

A Revista Nova Escola nos apresenta que:

O trabalho anti-racista deve começar cedo. Na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. (NOVA ESCOLA, 2004, p. 51)

Infelizmente ainda hoje existe uma grande diferença no tratamento dado a essas crianças por parte de alguns professores. Os mesmos tratam as crianças negras com desprezo e indiferença. Estamos afirmando pois esse fato foi constatado na escola campo na qual foi realizada uma pesquisa para analisar se o racismo se fazia presente em seu ambiente.

Essa postura demonstra a rejeição e causa para a criança negra um grande sofrimento. Infelizmente a sua dor não é reconhecida, pois ainda hoje existe falta de acolhimento por parte dos profissionais, que se omitem diante da situação de discriminação etnicorracial. Porém não posso afirmar se eles fazem isso por falta de conhecimento em relação ao mesmo ou se o fazem com total consciência.

Quando o professor age dessa maneira a criança negra poderá sentir-se marginalizada, desvalorizada e excluída, criando em si uma concepção de que é realmente inferior e de que não merece respeito ou que não tem dignidade.

As crianças não negras são estimuladas pelo sistema social e até mesmo pela própria família a serem preconceituosas. E isso faz com que haja desvalorização do “eu negro”, acarretando angústias, isso porque a criança negra não corresponde a algumas expectativas que a não negra apresenta. Com esses acontecimentos a identidade da criança negra passou a ser lesada, encontrando exclusão, rejeição, insatisfação e vergonha.

A exclusão seja ela simbólica ou não, pode ser manifestada pelo discurso do outro; percebemos isso a partir da observação no cotidiano escolar. Isso pode ser nada mais ou nada menos que uma via de disseminação do preconceito por meio da linguagem, na qual estão contidos gestos e atitudes pejorativas, que desvalorizam a imagem do negro.

Infelizmente este fato é lamentável, porque os professores e a família são os principais formadores das crianças. Segundo eles sua função é educar para a cidadania, desenvolvendo nos alunos sejam eles, não negros ou negros, valores humanos, indispensáveis para sua formação, como por exemplo: disciplina, respeito, iniciativa, honestidade, ética, moral, conhecimentos das diferenças individuais, trabalho em grupo ou equipe, tornando-os cada vez mais conscientes e responsáveis. São os professores e os familiares, que formam os indivíduos com hábitos que precisam ter como ponto de partida a formação ética e a proposta

de construção de novas visões de mundo e busca pela justiça social na luta pela igualdade.

É notório que aquilo que alguns professores falam não o fazem, porque atuam de forma contrária em sala de aula com relação aos alunos negros. E agindo dessa forma, atuam excluindo as crianças negras das possibilidades de usufruir de uma educação de qualidade, impedindo de prosseguir por estágios mais avançados da escolarização.

O racismo não está só em ações, mas também na omissão, no caso de um professor que presencia um ato racista na escola e finge não perceber, está sendo conivente. Quando não dão ouvidos, ou até mesmo, quando outros professores zombam das crianças negras, quando pedem que não dêem importância para a ofensa, quando vê uma criança não negra excluindo a criança negra de algumas situações, como por exemplo, sentar junto, brincar, estarem próximas, contribui para o crescimento da discriminação. Também na hora de transmitir conteúdos relacionados ao negro só o fazem na perspectiva naturalizadora da escravidão que já é negativo. O correto seria o professor relacionar em todas as disciplinas algo que enfocasse a cultura afrobrasileira e africana que se faz presente no nosso cotidiano.

Há uma disparidade entre documentos oficiais e a vida real, porque na prática os direitos dos cidadãos negros e não negros estão muito longe de acontecer.

(...) O direito do negro, assim como todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instalada e equipada, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos, com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação entre diferentes grupos étnicorraciais (...) (BRASIL. MEC, 2004, p. 10).

Não podemos aceitar essa realidade na qual uma parte da população vive num mundo de exclusão, de desigualdade, que gera violência e um círculo vicioso, onde as oportunidades se mostram de forma inalcançável. Combater a intolerância, o desrespeito, o racismo e a exploração é a forma mais adequada de nos protegermos de um mundo caótico, porque se continuarmos assim, não sabemos aonde chegaremos. Pois desigualdade gera fome, violência e desastres. Temos que ver o planeta como nossa própria casa e formamos uma grande família, se não cuidarmos em todos os sentidos, ele se tornará inabitável.

Entretanto cabe aos professores e aos estabelecimentos de ensino, dentre outras instituições sociais, criar condições para que os brasileiros de todas as raças\etnias possam conhecer a cultura e a história dos africanos, para que explicitamente critiquem e amenizem situações, comportamentos, idéias racistas e discriminatórias.

É comum no cotidiano escolar nos depararmos com situações que refletem práticas de

preconceitos e discriminação étnicorracial que são interiorizadas a partir da construção da identidade dos indivíduos, contribuindo para a formação de uma inferioridade na criança e no adulto negro.

Contudo não podemos nos calar diante do racismo no ambiente escolar, em especial se desejarmos realmente ser considerados educadores e sujeitos de nossa própria história.

Segundo Freire,( 1996,p.69) “homens e mulheres foram os únicos seres social e historicamente que se tornaram capazes de aprender, de viajar por uma aventura criadora”, construindo, reconstruindo e constatando para mudar e isso só podemos fazer se nos arriscarmos. São assim os caminhos dos professores, cheios de aventuras e riscos, por isso ele não pode ter um pensamento igual aos de seus alunos, de não conhecer a área específica de sua tarefa, não pode se dar ao luxo de negar que o seu papel fundamental é de contribuir positivamente na vida de seus educandos. O mesmo deve se ver como um facilitador para a aprendizagem dos alunos.

O professor deve ser um sonhador cheio de esperanças e deve despertar esse sentimento em seus alunos para que eles tornem- se sujeitos com a capacidade de intervir para uma mudança, sabemos que é difícil, mais Freire nos diz que não é impossível mudar essa realidade devastadora.

Contudo é muito importante que os educadores, não se omitam diante de situações racistas, nem se prendam aos conteúdos programáticos dos livros didáticos e passem a dar mais importância ao diálogo com seus alunos para ter acesso aos conhecimentos dos mesmos, buscar resgatar suas histórias para juntos descobrir suas origens, dando ênfase a importância da contribuição de cada um de seus descendentes para a formação da nossa sociedade atual.

### **CAPITULO III - Discriminação e preconceito racial no ambiente escolar**

Neste capítulo iremos discutir como a discriminação e o preconceito racial vem se manifestando no ambiente escolar. Para analisarmos tais termos nos baseamos em estudos realizados por alguns teóricos os quais nos ajudaram a compreender esta realidade que se faz presente no ambiente da Escola “Tia Dandara”, a qual foi tomada como campo de pesquisa.

Em virtudes das práticas preconceituosas serem aprendidas e difundidas socialmente, podemos afirmar que vivemos numa sociedade racista embora muito se fale que não o somos. Na prática podemos perceber que o racismo está presente nos diversos âmbitos, podemos dizer então que vivemos um tipo de escravidão, a escravidão mental e cultural. Os estudos culturais nos ofertam amplos caminhos para analisar o cotidiano escolar, bem como estudar a realidade dos sujeitos (as) atendidos pela escola propondo que a mesma leve em consideração os conhecimentos dos alunos para que o processo de ensino /aprendizagem se desenvolva de maneira prazerosa na qual as diferenças culturais possam ser respeitadas e a aprendizagem faça sentidos para todos os alunos.

Ao falar de cultura saliento que não podemos deixar de lado os PCN’s, pois ele é um documento muito importante no qual está incluso a pluralidade cultural, como proposta a ser implantada nas escolas, objetivando o reconhecimento e a valorização da pluralidade sociocultural do patrimônio brasileiro e dirimir qualquer discriminação entre as diferentes culturas estimulando o respeito mútuo.

Diante disto discutimos a discriminação e o preconceito racial no ambiente escolar, dispendo de elementos oriundos da observação das práticas cotidianas durante um período de seis meses tanto dos (as) alunos (as), professores (as), diretora e demais profissionais da educação básica em uma escola da rede publica de ensino.

#### **3.1- A Escola como campo de pesquisa**

A escola é responsável pelo processo de socialização, estabelecendo relações com diferentes núcleos familiares. Se isso for desenvolvido desde as séries iniciais as crianças podem incorporar mais facilmente as mensagens que os conteúdos discriminatórios deixam.

Sabendo que hoje todos têm acesso às escolas, não negros e negros estão no mesmo espaço. A escola é apresentada, como uma das mais importantes instituições sociais, a mesma



faz a mediação entre os indivíduos e a sociedade. É na escola que se transmite a cultura e com ela modelos sociais de comportamentos, como também de valores morais. É na escola que as crianças deixam de imitar os adultos, formando dessa forma sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Art. 2º, diz que:

A educação dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo a Revista Nova Escola ( 2004 ) “a história narrada nas escolas é branca, a inteligência e a beleza mostradas pela mídia também o são”. Isso faz com que a população negra mais especificamente as crianças negras não se aceitem.

Salientamos que os conhecimentos e informações contidas neste trabalho, só foram possíveis, devido a minha inserção no ambiente escolar da Escola “Tia Dandara”, durante um período de 06 meses, sendo que eu me fazia presente três vezes por semana.

A pesquisa foi realizada com crianças de uma determinada instituição educacional do Brejo paraibano, a qual nomeamos de “Tia Dandara”<sup>2</sup>, para investigarmos como eram estabelecidas as relações entre crianças negras e não negras em sala de aulas assim como dos profissionais educacionais e dos demais funcionários. Foi observado que os dois grupos se relacionam de maneira tensa havendo separação entre eles. Ressaltamos, todavia que nem todas as crianças não negras fazem isso, uma maioria se relaciona bem uns com os outros. As crianças negras desse estabelecimento nem sempre querem se socializar com os outros, mas quando o fazem muitas vezes lhes é negado por alguns.

No que se refere ao preconceito racial à maioria das professoras demonstravam percebê-lo em meio à sociedade. Porém negando sua existência na escola e em suas salas de aulas.

Nas salas da aula em que estive pude presenciar que as crianças negras sentavam em lugares tipo estratégicos e isolados, alguns sentavam próximo à porta de saída, outros lá no fundo da sala na última cadeira no recantinho da parede e outros bem em frente ao birô da professora, salientamos que eles não se misturavam com os demais alunos.

Deste modo pudemos perceber e até mesmo presenciar situações em que as próprias professoras emitiam o preconceito, em algumas das salas de aula que eu observei, ao chegar e

---

<sup>2</sup> Dandara, foi uma guerreira do quilombo dos Palmares, ao lado de Zumbi.

me apresentar como pesquisadora do preconceito e do racismo naquela escola, imediatamente, elas negavam a existência de crianças negras em suas salas de aula. Mesmo assim eu perguntava se poderia entrar e observar um pouco. Com a permissão delas eu entrava e via dentro dessas salas crianças negras. Então eu me questionava, e queria entender o por que de algumas professoras negarem a presença de crianças negras em sua sala de aula. Só depois de muito tempo é que descobri que embora muitas sendo graduadas e com o curso de especialização não sabiam distinguir o negro do não negro e não tinham conhecimento da lei 10.639, e de sua importância para as crianças negras e para a sociedade como um todo.

Aos poucos fui me entrosando com as crianças para ganhar sua confiança, já que na maioria das vezes as professoras me usavam como se eu fosse uma espiã da diretora. Como elas não tinham controle da classe elas, algumas vezes usavam a minha presença para amedrontar a turma diziam: “ Vocês fiquem comportados pois a estagiária está só anotando o nome de vocês para entregar na secretaria”.

E elas ao fazer a minha identificação como estagiária provocava em mim uma interjeição:

“Que absurdo”! Eu já havia me apresentado, mais a professora ainda utilizava essas expressões. Será que elas não sabiam diferenciar as expressões pesquisadora e estagiária? Afirmando que me surpreendi com o que presenciei nas salas de aula dessa escola e mais ainda quando descobri que as respostas às perguntas que realizei, não bateram com as da direção da escola. Esta afirmou uma coisa, as professoras outra totalmente diferente e quando falei com algumas crianças negras aí sim foi que pude ver contrariedades. Bem as entrevistas foram realizadas as informações colhidas agora saber quem está falando a verdade não é algo tão difícil pelo que pude presenciar.

O respeito e a autoestima das crianças negras que estudam nessa escola estão longe de serem trabalhados com dignidade. Primeiro por que a reflexão e a prática pedagógica estão distantes da articulação existente entre as relações raciais e a educação, segundo por que as professoras em nenhum momento demonstraram interesse em adquirir conhecimentos sobre os mesmos.

No ambiente escolar, pouca atenção é dada ao desenvolvimento social das crianças. A fraternidade, o respeito, a amizade são temas que não demonstram importância para os professores. Eles omitem a importância e a contribuição dos negros para a construção da sociedade brasileira.

Diante das cenas que presenciei nas salas de aula, descreverei um pouco para que vocês possam entender melhor. Ressalto que estive nas salas do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano.

No entanto para caracterizar as crianças negras, fiz uso dos critérios biológicos, a partir dos quais posso citar fortes traços físicos como, a cor da pele, cabelo, desenho da boca, nariz, etc.

Na sala do 1º Ano, continha apenas 01 aluno negro. Nessa sala foi negada pela professora a existência de alunos negros, logo quando me apresentei e disse qual era o meu objetivo, a mesma afirmou que na sua sala de aula não tinha nenhum aluno negro, porém pude encontrar todas essas características as quais citei acima na criança que a professora alegava não ser negra.

No 2º Ano, tinham 02 alunos negros e a professora também era negra. Nessa sala de aula uma aluna negra não parava quieta e não respeitava a professora. Em uma conversa a professora me disse: “Ela todo dia traz uma coisa pra fazer comigo, um dia ela me morde, no outro me belisca, já me furou com o lápis”...“ Além de bater nos colegas”. Essa criança tinha 7 anos e ao conversar com ela a mesma me disse que maltratava sua professora por que a mesma era feia. A vice- diretora me disse que essa criança não era normal. Mas como assim? A menina era “perfeita” no corpo não demonstrava nenhum sinal de deficiência. Eu me fiz de desentendida mais eu sabia que ela estava me dizendo que a criança era deficiente mental. Agora eu pergunto como é que uma pessoa formada e especializada em psicopedagogia abre a boca para dizer uma coisa dessas? Ela falava sem conhecer a realidade da criança. Afirmando isso porque eu conheço tanto a criança como a sua família, e o que falta nela não é uma sanidade mental, mais sim falta que sua autoestima seja levantada, falta o respeito para com ela e para com a sua família. A criança tida pela escola como “anormal” carecia de amor fraterno, a mesma era criada pela avó, seus pais eram alcoólatras com 5 filhos todos desnutridos. Toda a família vivia em situação de extrema pobreza material.

Como é que uma criança dessas vai ter em sua sala de aula um comportamento dito “normal”, pois além do histórico familiar seus colegas a xingavam de “fedorenta”, “grudenta”, “ arengueira” e além do mais ela tem em sua mente que tudo isso acontece só por que ela é negra e os negros são ruins, e fedem. Pelo menos foi isso que essa criança me disse. Para completar sua professora era negra, sendo assim continua se reproduzindo o fator no qual a negatividade se faz visível em relação ao negro. Vejamos o que CAVALLEIRO no diz:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros”. ( CAVALLEIRO. 2000. p 19).

Diante disso pude perceber que a criança, não tem confiança em sua professora, e que a mesma sendo negra é igual à seus pais e até mesmo igual a ela.

No 3º Ano havia 02 alunos negros, apenas os alunos dessa sala de aula interagem bem uns com os outros independentes de sua cor.

Na sala do 4º Ano estudavam 05 alunos negros, os quais demonstravam uma rebeldia, eles batiam nos alunos não negros. De início fiquei sem entender, pois eles eram do tipo os donos da sala. Continuei observando e vi algo que não quis acreditar. Os alunos não têm recreio e lancham na própria sala de aula. No decorrer do lanche um aluno negro sem querer deixou o seu prato com macarrão cair e a professora nessa hora me surpreendeu. Ela pegou no braço da criança apertou e disse: “Você vai varrer, para aprender a ser gente”. Em seguida um aluno não negro se aproximou e disse: “Varra direito seu negro safado”. A professora ouviu e não fez nada. Eu diante da cena fiquei me perguntando. Nossa ela sabe o quê eu vim observar aqui nessa escola?

### 3.2 – A situação das crianças negras no ambiente escolar

Diante de tantas situações racistas que se faz presente em meio a nossa sociedade e em muitos casos também estão inseridas nas escolas surgiu o interesse de entender como as crianças negras que sofrem as agressões se sentem e como essas crianças justificam o comportamento das professoras em relação a si.

Salientamos que entrevistamos 03 crianças e este número foi o bastante para sentirmos os sofrimentos que as mesmas sentem diante dessas situações, e entendermos como alguns profissionais da escola os quais se dizem educadores agem diante de situações racistas. Através das falas dessas três crianças entrevistadas poderemos compreender.

Ressaltamos que as crianças negras entrevistadas, foram assim caracterizadas através de critérios biológicos como traços físicos, desenho do rosto, formato da boca, nariz e cabelos, uma delas alegava não ser negra, todavia, ela apresentava traços físicos negros. Não tendo identidade étnica formada ela ressaltou que iria responder a entrevista para nos ajudar a colher as informações.

Todavia as demais crianças negras não puderam ser entrevistadas, pois algumas residem na zona rural do município e tinham que pegar transporte, outras disseram ter medo, pois achavam que eu iria mostrar a diretora da escola. Ao serem questionados sobre como eles vêem os negros eles responderam.

QUADRO 01

Como você vê os negros Africanos?	
Alunos	Respostas
A	“Vejo que eles foram e ainda são pessoas normais.”
B	“Eu vejo que eles foram e ainda são discriminados.”
C	“vejo que sofreram muito em todos os aspectos.”

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Diante das falas das crianças B e C, podemos perceber que o conhecimento que elas possuem em relação aos negros africanos é de que eles foram explorados e discriminados. E cabe a escola e aos professores trabalhar a história da África e a cultura africana de maneira que despertem essas crianças a compreender realmente quais foram às contribuições que os africanos passam para a nossa sociedade. Pois essas crianças demonstram ter nenhum conhecimento em relação aos mesmos. Ou seja, a escola continua uma reprodutora da visibilidade social negativa negra.

Ao questionarmos os alunos de como eles se sentem sendo negros ou descendentes de negros as respostas foram às seguintes.

QUADRO 02

Como você se sente sendo negro ou descendente de negros?	
Alunos	Respostas
A	“ Me sinto uma pessoa normal, pois essa é a minha cor. Mais não tenho orgulho de ser negro”.
B	“ Eu me sinto mal. Por que é ruim ser negro, pois os outros meninos me apelidam e me discriminam. Eu não tenho orgulho de ser negro não.”
C	“ Eu não gosto.”

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Logo percebemos que a identidade étnica dessas crianças não está sendo trabalhada em sala de aula, pois a escola deveria ser o lugar onde as identidades ( étnicas de gênero, cultura, etc.) deveriam ser afirmadas, e não um instrumento de reprodução da cultura dominante. Agindo assim a escola não está desempenhando o seu papel, que é o de formadora

de sujeitos conscientes, portadores de identidade étnica, de gênero, de religião, enfim de formar cidadãos críticos. Quando essas crianças foram questionadas a respeito de agressões verbais elas responderam.

QUADRO 03

Na sua opinião você já sofreu algum tipo de agressão verbal, ou seja, apelidos por parte de seus colegas?	
Alunos	Respostas
A	“Sim! De açúcar mascavo, açúcar preto, Preta Gil, macaco, filhote de urubu e negro preto.”
B	“Sim! De açúcar preto, pão queimado, negrinho, negrada e carvão.”
C	“ Sim de negra nojenta, fedorenta, macaca...”

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

As crianças não negras são estimuladas pelo sistema social e até mesmo pela própria família a serem preconceituosas. E isso faz com que haja uma desvalorização do "eu negro", acarretando angústias, isso porque a criança negra não corresponde algumas expectativas que o não negro apresenta. Com esses acontecimentos a identidade da criança negra passou a ser lesada, encontrando exclusão, rejeição, insatisfação e vergonha.

Nesse sentido a autoestima e a identidade étnica dessas crianças também ficam com certeza no chão, sendo agredidos dessa maneira dentro da escola, pois segundo elas essas agressões são praticadas dentro da escola e muitas vezes dentro da própria sala de aula. Todas essas crianças entrevistadas sofreram esse tipo de violência, todavia foi aqui que percebemos que não era necessário entrevistar as outras crianças as quais necessitavam ir para a zona rural ou até mesmo as outras que se negaram a dar entrevistas, através dessas três crianças foi percebido que o racismo, o preconceito étnicorracial e a discriminação se fazem presente no ambiente dessa escola e incluso na sala de aula.

Diante da afirmação dessas crianças negras, as quais dizem que as agressões muitas vezes são realizadas dentro da sala de aula foi perguntado como a professora age diante dessas situações, eles afirmaram que:

QUADRO 04

Sua professora presenciou as agressões? Qual foi a atitude dela mediante a isso?	
Alunos	Respostas
A	“Sim! Mais não liga, às vezes reclama e em muitos casos joga a culpa em cima de mim e pede pra eu parar. Isso quando ela vê, pois quando ela não escuta nem adianta eu falar, por que ela nem liga.”
B	“Sim! Mais não reclama, ela faz que nem vê.”
C	“Ela vê e faz de conta que não vê”

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Segundo, OLIVEIRA apud CAVALLEIRO,(2000, p. 34). Ficou ressaltado o despreparo que o professor possui para lidar com situações de discriminação na sala de aula, pois em muitos momentos o professor julga a criança negra culpada pela discriminação sofrida. E isso é o que nós pudemos observar na fala de uma das crianças entrevistadas, na qual ela afirma que quando fala sobre a agressão sofrida para a professora, esta pede para a criança parar. Como se fosse à criança negra a culpada, só pelo fato de ser negra quer dizer que ela é quem faz tudo de errado na sala de aula...

Todas as crianças responderam que a professora presenciava essas situações e se omite, ou seja, a própria professora tem preconceito, pois a omissão é um tipo de preconceito. Em relação a isso os PCN's, nos diz que:

Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas das relações sociais, como elas têm história e permanência. O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente por elas. ( BRASIL. MEC, 2001, p.52).

Ou seja, os PCN's, vêm para fortalecer a afirmação de que é na escola o lugar onde se deve dirimir situações e até mesmo agressões racistas. Dando continuidade a entrevista foi perguntado para essas crianças como as mesmas se sentem, após as agressões eles responderam:

QUADRO 05

Como você se sente, após esse tipo de agressão?
---

Alunos	Respostas
A	“Eu me sinto excluído, e após dizer a professora e ela nem ligar, eu não faço mais a tarefa e só bagunço”.
B	“Ta! Eu fico revoltado e não estudo mais”.
C	“ Eu me sinto tipo assim um rato, algo sem importância”.Ai não faço mais as tarefas . Às vezes choro.

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

As respostas não poderiam ser outras, nós já esperávamos ouvir o que nos foi dito, até por que, após ouvirem esses tipos de xingamentos e perceberem que a própria professora, alguém que eles têm como modelo a ser seguido se omitem diante dessas situações, não é fácil. Essa postura, que manifesta a rejeição provoca na criança negra um grande sofrimento. É triste saber que sua dor não é reconhecida. Ainda hoje existe falta de acolhimento por parte de profissionais, que se omitem diante de uma situação de discriminação étnicorracial, porém não posso afirmar se é por falta de conhecimento em relação a questão ou se o fazem por prazer e total consciência.

Quando o professor manifesta esse tipo de comportamento a criança negra poderá sentir-se excluída, criando para si uma concepção de que é inferior e de que não merece respeito.

Dando continuidade aos questionamentos, perguntamos se as crianças querem que seus filhos passem por isso que eles sofrem hoje.

#### QUADRO 06

Você quer que seus filhos passem por isso que você passa hoje na escola?	
Alunos	Respostas
A	“ Não, quem é que quer”?
B	“ Não, é muito ruim ser discriminado, quando eu casar, vai ser com uma galega, pra vê se os meus filhos nascem mais claros que eu”.
C	“Deus os livre”.



--	--

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Bom essas respostas parecem mais um grito de socorro para aqueles que ainda não estão inseridos na sociedade atual, pois trata-se de pessoas que ainda nem vieram ao mundo. Essa é a maneira que as crianças negras que hoje estão sendo discriminadas e fazem, demandas para que as leis sejam verdadeiramente implantadas e atuantes nas escolas e na sociedade, para tentar combater o racismo mesquinho que ainda se encontra no mundo.

Contudo para encerrarmos o questionamento feito as crianças perguntamos a respeito de como as professoras trabalham os conteúdos que envolvem a história e cultura Afrobrasileira e africana.

#### QUADRO 7

Sua Escola “professora” trabalha conteúdos que envolva a história e cultura afrobrasileira e africana?	
Alunos	Respostas.
A	“Assim, ela trabalha o dia da libertação dos escravos, fala que eles foram explorados e apanhavam iguais animais”.
B	“ Ela só fala do dia da libertação e da exploração”.
C	“ Trabalha o dia da libertação, fala da Lei Áurea só.”

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Nós já esperamos ouvir esse tipo de respostas aqui também, pois durante todo o tempo da pesquisa as professoras também foram nosso alvo de observação.

Como pudemos observar nas falas das crianças nenhum conteúdo que levante a autoestima está sendo trabalhado. Será que para as crianças negras ou descendentes de africanos, é importante saber que os negros eram tratados de forma animalesca, que foram exploradas todas as suas forças e que acima de tudo eram vistos como incapazes? Ainda perguntamos porque será que as contribuições dadas pelos povos negros na nossa literatura, nas nossas religiões, nas nossas danças e até mesmo em nossa culinária, não tem importância? Se tem importância por que os conteúdos não estão sendo trabalhados nas salas de aula?

De quem será a culpa da crueldade praticada com as crianças negras que estão

matriculadas na escola? E se a tendência delas for fracassar, a culpa será do sistema educacional? Será dos professores? Da família? Eis as questões que por enquanto continuarão sem respostas, olhando por um ângulo global. Porém ressalto que se olharmos por um ângulo local, principalmente na escola onde foi realizada a pesquisa, lhes afirmo que não há culpa naqueles que se dizem educadores, mas que silenciam frente ao preconceito que está se alargando ao longo de suas salas de aulas e os mesmos, por falta de comprometimento com a educação não buscam adquirir conhecimentos em relação a temática, negando dessa maneira a existência da pluralidade étnica na escola. Contudo muitas acham desnecessário ter um conhecimento mais abrangente sobre o conteúdo proposto pela Lei 10.639/ 003, já que acreditam que o preconceito étnicorracial não se faz presente na escola, muito menos em suas salas de aula.

Assim, não há culpados para serem identificados mas há uma sociedade racista que precisa ser transformada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia objetivou identificar como a escola está atuando diante de três questões cruciais: o preconceito, a discriminação racial e o racismo. No desenvolver deste trabalho discutimos como a escola está atuando diante da temática étnicorracial, se reconhece ou nega a existência do preconceito, e como os profissionais da educação estão atuando diante da obrigatoriedade da inclusão no currículo escolar da história e cultura afrobrasileira e africana, apresentada pela Lei 10.639/03. Salientamos que essa temática não é uma proposta nova pois outros documentos legais já apresentavam.

Para compreendermos melhor os fatos optamos fazer um estudo de campo, tendo em vista que a escola é a instituição responsável pelo processo de socialização e estabelece relações com diferentes núcleos e responde também pela formação de sujeitos e formação de identidade étnica.

Constatamos que apesar da obrigatoriedade da inclusão da temática étnicorracial no currículo escolar as práticas relacionadas à educação das relações étnicorraciais, a escola ainda reproduz o fenômeno negativo, no qual o negro é apresentado como um ser inferior. Quando falamos em reprodução, tomamos por base o cotidiano do nosso campo de pesquisa, já que lá encontramos professores desinteressados para atuar frente à temática abordada. Muitos professores desenvolviam atos racistas, os quais eram produzidos e reproduzidos por eles e pelos demais funcionários. Outros se omitiam e o silêncio é uma maneira de disseminar o preconceito, já que o mesmo faz com que as crianças não negras vejam como sendo normal xingar ou até mesmo maltratar as crianças negras. Ressaltamos que não é pretensão nossa falarmos que todas as escolas agem dessa maneira, até porque cada escola possui sua singularidade e faz a leitura singular das questões que estão sendo discutidas na sociedade. Uma vez que cada uma delas atende a uma clientela diferenciada e as realidades também são diferentes.

Verificamos que a escola não desenvolve nenhum trabalho inovador que vise a valorização do negro, e sua cultura. O que foi visto é que as ações ainda ocorrem de forma restrita às datas comemorativas e sob a ótica europeizada, mostrando o negro sendo tratado na condição de escravo. No projeto político pedagógico da escola não há nenhum parágrafo voltado para as ações afirmativas para a população negra, isso faz com que não se construa uma identidade étnica entre alunos (as) negras, que passam a negarem sua verdadeira origem.

Na escola campo de pesquisa inúmeras questões foram verificadas que dificultam a implantação da lei, entre as quais podemos citar em primeiro lugar o desconhecimento dos conteúdos que trata a lei 10.639/03 pela maioria dos profissionais, a segunda a omissão do racismo em sala de aula, a terceira falta de acessibilidade do material didático específico que possibilite uma discussão sobre a temática, e a quarta falta de formação de professores na temática.

Contudo, entendemos que tais dificuldades existem, mais não podemos aceitar que isso faça com que continuem omitindo a história e cultura afrobrasileira e africana nas escolas já que é na mesma o lugar de construção de novos conhecimentos. Se há dificuldades é preciso que busquemos superá-las até por que não existe vitória sem luta.

Para tanto encerramos este trabalho afirmando que é necessário superar os entraves a implementação da Lei 10.639/03, bem como a importância de discussões voltadas para a temática, visando à formação de indivíduos críticos reflexivos e que reconheçam o negro como um dos grandes contribuintes de nossa sociedade, bem como lutar por um Brasil mais justo e igualitário.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-Estima da criança negra. In MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 3º Ed. [Brasília]. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2001. P. 112 à 117.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto Constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 88p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. Brasília: 1996. Disponível em < [http://presidencia.gov.br/ccvil/03/Leis/L\\_9394.htm](http://presidencia.gov.br/ccvil/03/Leis/L_9394.htm)> . Acesso em 23 nov. 2005.

BRASIL. MEC, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana**. MEC/ Brasília. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnicorraciais**. Brasília: SECAD, 2006.p. 14 à 72.

BRASIL.MEC, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: 1997.

\_\_\_\_\_ **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília: 2001.

BENCINI, Roberta. **A Educação não tem cor**. Nova Escola. São Paulo, ano XIX, nº 177. p. 47 à 51, novembro de 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil/** Eliane Santos Cavalleiro – São Paulo: Contexto, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/** Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. ( Coleção Leitura)

GOMES, Nilma Lino. A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro. In SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (orgs). **O pensamento negro em educação no Brasil; Expressões do movimento negro.** Ed. Da UFSCAR. P. 17 à 25.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, preconceito e discriminação: Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos.** In MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. 3º Ed. [Brasília]. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2001. P. 183 à 199.

MUNANGA, Kabengele. Racismo está luta é de todos. In **Revista Raça Brasil.** Ano 5 nº 50 ed. Símbolo, 2000. P. 13 e 14.

\_\_\_\_\_. **Raízes Científicas do mito do negro e o racismo ocidental.** Temas IMESC. Soc. Di. Saúde. São Paulo. 1 .1 p 39 à 47. 1984.

MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje: Racismo, discriminação racial e ações afirmativas: a sociedade atual;** São Paulo: Global, 2006.

PINO, Angel. Infâncias e culturas. Semelhanças e diferenças. In GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria de. (org) **Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência.** Campinas, SP: Ed. Alínea, 2004. P 147 à

REGO, Tereza Cristina R. Educação, Cultura e Desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In. AQUINO, Júlio Grope (org). **Diferenças e preconceito na Escola: alternativas teóricas e práticas.** 2º Ed. São Paulo: Summus, editorial, 1998.p.49 à 71.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 3º Ed. [Brasília]. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2001. P. 31 à 61.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e Imagens sobre uma gente de cor preta: **In Revista Afro-Asiáticos**. Ano 24. Nº 02. P. 275 à 287.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação Professor – Aluno: Uma Revisão Crítica**. Dezembro de 2004. Disponível em: [http:// www.conteudoescola.com.br/ site/ content/ view/ 132/31/1/2/](http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/132/31/1/2/) Acessado em : 8 de março de 2005.

## **APÊNDICE MODELOS DE ENTREVISTAS**

Entrevista com a direção da escola.

- 01- Qual a faixa etária dos alunos que a escola atende? Quantos alunos negros a escola atende?
- 02- A escola dispõe de materiais que levantem a autoestima desses alunos?
- 03- Os livros didáticos de história trazem conteúdos sobre a cultura africana?
- 04- O que a escola acha da Lei 10.639/03
- 05- A escola dispõe de algum funcionário negro?
- 06- A quanto tempo você trabalha como gestora?



Entrevista com os (as) Professores (as) da escola

- 01- Para você o que é ser professor nos dias de hoje?
- 02- Como você vê a questão racial no Brasil?
- 03- Qual é a sua formação?
- 04- Você conhece a Lei 10.639/03?
- 05- De que maneira você tomou conhecimento da mesma?
- 06- Sua escola desenvolve alguma atividade direcionada a Lei supra citada? Sim  
quais? Se não porque ainda não desenvolve?
- 07- Você acha difícil trabalhar a questão racial?
- 08- Você já presenciou em sua sala de aula algum tipo de preconceito das crianças não  
negras, para com as negras?
- 09- Quando você faz trabalho em equipe os alunos excluem as crianças negras ou não  
se incomodam de incluí-las em seus grupos?
- 10- Quando você trabalha conteúdos relacionados aos Afrodescendentes existe algum  
tipo de xingamento ou apelidos por parte dos alunos não negros em relação aos  
alunos negros?

## Entrevista com as crianças negras da escola

01- Como você vê os negros africanos?

02 – Como você se sente sendo negro ou descendente de negros?

03 – Na sua opinião você já sofreu algum tipo de agressão verbal, ou seja, apelidos por parte dos colegas?

04 – Sua professora presenciou as agressões? Qual foi a atitude dela mediante a isso?

05- Como você se sente, após esse tipo de agressão?

06 – Você quer que seus filhos passem por isso que você passa hoje na escola?

07 – Sua escola “ professora” trabalha conteúdos que envolva a história e cultura afrobrasileira e africana?